Nota Prévia

Este segundo número da revista *Configurações*, sob a coordenação de Manuel Silva e Costa e José Pinheiro Neves, a quem a Direcção do Centro de Investigação agradece a sua prestimosa colaboração, vem à luz do dia num momento em que as questões da relação entre técnica e sociedade estão na ordem do dia não só dos inúmeros debates científicos, nomeadamente no campo das ciências sociais, como nos próprios círculos políticos e mediáticos, em que as novas tecnologias de informação vêm absorvendo a agenda política. A tecnologia que, implicada na economia, era apresentada, numa certa visão marxista tradicional, como a variável determinante dos processos sociais e, em particular, dos fenómenos supra-estruturais de ordem política, ideológica, literária, moral e artística, vem sendo, em aparente paradoxo, endeusada por arautos da ideologia neoliberal e social-democratizante como a "varinha mágica" da solução dos problemas sociais, que tem dado pela designação de "choque tecnológico".

É indubitável a relevância dos avanços e processos tecnológicos que, imbricados com novas formas organizacionais dos processos (re)produtivos e distributivos e correndo a par da preponderância do capital financeiro e especulativo, constituem uma das especificidades da nova fase do capitalismo tardio.

Quer a Direcção do CICS, quer a sua Comissão Científica, ao mesmo tempo que incentivam a publicação de textos e resultados de investigações empiricamente validadas, prezam o princípio da defesa de pluralidade de paradigmas teóricos na compreensão e na explicação dos fenómenos técnico-sociais. Com base nestes pressupostos a Direcção do CICS obviamente não interfere mas, pelo contrário, incentiva o debate não só face a outros cientistas sociais no país e no estrangeiro como no seio da própria revista, como se pode inferir pela leitura dos textos publicados no presente número. Tal representa uma expressão de liberdade científica, mas também um sinal da necessidade de caminhar para uma outra fase de debate teórico e epistemológico no campo das ciências sociais e a sua interface de continuidade/descontinuidade em relação às ciências ditas exactas ou da natureza. Estamos cientes que este é um imperativo incontornável no âmbito de publicações similares de revistas nacionais e respectivos centros de investigação que as suportam. Cremos estar na hora de, para além da saudável competitividade positiva e do desafio da internacionalização, não prosseguirmos de costas voltadas entre centros e escolas de produção científica no

país mas encetar debates que desbloqueiem o ainda persistente espírito escolástico – aliás um desafio colocado pela própria Direcção da APS, nomeadamente na pessoa do seu presidente, Luís Baptista.

Os colegas Manuel Silva e Costa e José Pinheiro Neves fazem no texto introdutório uma primeira reflexão sobre o tema deste número de revista e, simultaneamente, passam em breve revista as ideias-chave de cada um dos autores que integram esta publicação e, por isso, dispensam-nos de considerações de síntese a este respeito. Não sendo intuito da Direcção do CICS entrar no debate sobre Técnica e Sociedade, não nos anima todavia qualquer espírito de indiferença ou alheamento ao debate em curso e, muito menos, uma alegada neutralidade axiológica e política. Neste sentido, no campo aberto do debate e sem desvalorizar a técnica e seus artefactos, talvez um breve retorno ao pensamento habermasiano sobre a ciência e a tecnologia como novas formas de ideologia seja uma ideia a manter no debate permanente e recorrente a este propósito.

Por fim, uma nota final de pedido de desculpa aos leitores pelo atraso com que se publica este número, atraso esse que procuraremos doravante recuperar. O próximo número sobre Família e Tempos de Vida vai já numa fase adiantada. A Comissão Científica e a Direcção do CICS visam dar corpo à ideia inicial de, na medida do possível, os números da revista serem temáticos. Este princípio programático, apresentando certamente vantagens, comporta todavia alguns inconvenientes tais como algum atraso na edição ou o impedimento de considerar propostas de artigos relevantes que, por essa razão, ficam "congelados" até uma nova oportunidade. Neste sentido, a Direcção da revista acolherá também a hipótese de, sem deixar de apostar em números temáticos, colocar à consideração de arbitragem científica outros artigos que, uma vez aprovados, possam dar azo a publicação de números de cariz misto, em parte temático e em parte com publicações livres mas relevantes no quadro dos objectivos dos grupos de trabalho do CICS e doutros colaboradores nacionais e estrangeiros.

A Direcção do CICS